





# **SELVA DE GAFANHOTOS**

**andrew smith**

TRADUÇÃO DE  
**Edmundo Barreiros**



Copyright © 2014 by Andrew Smith

TÍTULO ORIGINAL  
Grasshopper Jungle

PREPARAÇÃO  
Isabela Fraga

REVISÃO  
Juliana Pitanga  
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S646s

Smith, Andrew  
Selva de Gafanhotos / Andrew Smith ; tradução Edmundo  
Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.  
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: Grasshopper Jungle  
ISBN 978-85-8057-685-6

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo. II. Título

15-19266

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Michael Bourret,  
que não me deixou desistir*



*Ealing é uma cidade fictícia no estado de Iowa. Nenhum dos personagens e lugares deste livro existe de fato. Qualquer semelhança de eventos e personagens com histórias reais só ocorre nas partes verdadeiras deste livro, que não são muitas.*



## ***PARTE UM: EALING***

Kimber Drive • Consertar pés • Louis faz uma pergunta retórica • Caiu sangue no seu presunto • Grant Wallace me assassinou • O que fez este país ser grande • A nova casa velha de Shann • Indo a um lugar aonde você não deveria ir • O vulcão de Robby • Portas que levam a algum lugar; portas que não levam a lugar algum • Toque de recolher • Gente burra nunca deveria ler livros • A arma de raios mortais • Robby podia ter sido pastor • Pizzaria do Stan não é um bom nome • Se você quiser levar um tiro em Ealing • O alçapão • Jack Faminto • As coisas de Johnny • O garoto de duas cabeças • Luz azul • Prioridades • Começa o inferno • A história é cheia de merda

## ***PARTE DOIS: O MILHARAL EM WATERLOO***

Palíndromos • Banho, barba e decência • Johnny e Ollie • O remendo • Diga por favor • Um retrato • Barganha • O menino no vidro • De skate e caiaque • Éden Cinco Precisa de Você • Muita matemática • Tally-Ho! • A tumba interior • E eis o número cinco • Tragando • Um visitante chega e parte • A coisa no milharal

## ***PARTE TRÊS: O SILO***

Um dia difícil na Escola Luterana Curtis Crane • Insetos fazem duas coisas  
• Um presente de Johnny McKeon • O telefonema de Shann • Os pequenos  
caiaques azuis de minha mãe • Páginas da história • Orações da escola •  
As bolas do vice-presidente • Mictórios • Shann, o garoto polonês com te-  
são e Satan • Quatro fotografias • O sêmen do presidente • O santo virgem  
e seu protegido • O sino de mergulho • A garota popular • Bem-vindos ao  
Éden • Algum tipo de sinal • “Gimme Shelter” • O desfile de dragões • Sopa  
em latas de tinta • Os direitos de reprodução dos gideões • A rainha do  
universo • A biblioteca e o novo Tally-ho! • “Ventilator Blues” • Algo sempre  
acontece quando outra pessoa está dançando • Sortudo, em nome de ga-  
roto polonês • Noite de cinema no Éden • O bom doutor explica a história •  
Milho irrefreável! Milho irrefreável! • Três de cinco • Felek, o órfão

## ***PARTE QUATRO: O FIM DO MUNDO***

Nós, os Novos Humanos • Nas últimas • Davy Crockett e Daniel Boone nun-  
ca usaram chapéus de pele de guaxinim • Alho, Dr. Pepper e metanfetami-  
na • Clique, clique • De volta ao telhado • Denny Drayton tem uma arma,  
filho da puta • Exílio no Éden • Um encontro casual aos olhos do retrato de  
um presbiteriano, ou a canoa de Calvin Coolidge • Um chuveiro muito cal-  
mante • Infinita Milites! Infinita Milites! • Robby, o teólogo • Satan e o pas-  
tor • Assassino em série, EUA • À procura de Wiggles • Sobre o bisão e o  
livre-arbítrio • Explosão populacional • Tudo de que alguém pode precisar  
e os dois melhores discos de rock de todos os tempos • O sangue de Deus  
• A bola de boliche cor-de-rosa de Wanda Mae • Regras são regras, mas  
a Sala dos Cérebros não é muito genial • Nunca procure sorvete em um  
freezer de esperma • Um verdadeiro pensador concreto de Iowa • À noite  
no Éden • Que parecer termine • A luz do sol me entedia • O tipo certo  
de cigarro para fumar pouco antes de matar alguma coisa • Não há Cup  
Noodles no Éden • Garotos-Rato de Marte e um incidente infeliz envolven-

do uma baleia inflável • A batalha do Del Vista Arms • O fim do mundo •  
Desenhos de Robby e Shann • Os policiais intergalácticos de insetos • Enola  
Gay e a ereção de Beau Barton • A batalha da ponte sobre o rio Kelsey •  
Um vidro enorme

## ***EPÍLOGO: SORTUDO, UMA BUSCA POR CIGARROS E O BISÃO***



***PARTE 1:***  
***EALING***





**LI EM ALGUM LUGAR** que os seres humanos têm predisposição genética para registrar a história.

Acreditamos que isso pode evitar que façamos idiotices no futuro.

Contudo, apesar de termos arquivado cuidadosamente os registros elaborados de tudo o que já fizemos, também continuamos a fazer merdas cada vez mais idiotas.

Esta é minha história.

Ela tem alguns elementos: bebês de duas cabeças, insetos do tamanho de uma geladeira, Deus, o diabo, guerreiros sem braços e pernas, foguetes, sexo, sinos de mergulho, roubo, guerra, monstros, motores de combustão interna, amor, cigarros, alegria, abrigos antibombas, pizza e crueldade.

Assim como a história sempre foi.

## ***KIMBER DRIVE***

**ROBBY BRES E EU** fizemos a rua onde construíram o Shopping de Ealing.

Antes de superarmos nossa devoção pelas bicicletas BMX, os sulcos que abrimos em nossas idas e vindas pelo terreno que apelidamos de Selva de Gafanhotos se tornou o traçado natural da Kimber Drive, como se os tratores e engenheiros que a pavimentaram não tivessem opção a não ser seguir as trilhas marcadas por nós dois.

Robby e eu éramos os reis dos rios de concreto. E, como mostra a história, onde quer que garotos andem de bicicleta, logo atrás deles surgem pistas pavimentadas que parecem solitárias intestinais.

Depois o shopping foi construído — erguido como os dentes felizes de uma mandíbula. Ele sorriu por algum tempo, mas então, cerca de um ano atrás, algumas lojas começaram a fechar, escurecendo como cáries, quando as pessoas deixaram nossa cidade por lugares melhores.

Andar de BMX era coisa de pirralhos do ensino fundamental.

Ainda tínhamos nossas bicicletas, e acho que em alguns momentos Robby e eu pensamos em tirá-las dos cantos cobertos de teias de aranha das garagens de nossas casas. Mas agora que estávamos no ensino médio — ou pelo menos cursando *matérias* do ensino médio, já que estudávamos na Escola Luterana Curtis Crane desde o jardim de infância —, nós andávamos de skate e às vezes conseguíamos dar umas voltas escondidos no carro velho de Robby.

Estávamos no segundo ano do ensino médio, e Robby já sabia dirigir, o que era muito conveniente para mim e para minha namorada, Shann Collins.

Sempre podíamos contar com Robby. E eu tinha a esperança — minha fantasia erótica — de que uma noite ele nos levaria pelas estradas retas como agulhas que cortavam os mares de milharais em torno de Ealing, e Robby não diria nada quando eu montasse em Shann e transasse com ela bem ali, em cima das roupas encardidas dele que pareciam estar sempre espalhadas pelo Ford Explorer sujo e velho que seu pai havia deixado para trás.

## ***CONSERTAR PÉS***

**NA SEXTA-FEIRA QUE ENCERROU** a primeira semana terrivelmente lenta após as férias de primavera, Robby e eu pegamos os skates e fomos andar no beco imundo nos fundos da Selva de Gafanhotos.

Ninguém mais dava a mínima para skatistas.

Bem, pelo menos ninguém nas quatro lojas ainda abertas que sobraram no Shopping de Ealing depois que a fábrica da McKeon fechou: a lavanderia à qual Robby nunca ia, a Casa da Panqueca e as lojas de bebida e de artigos usados do padrasto de Shann.

Por isso podíamos andar de skate por ali e fazer quase qualquer coisa que quiséssemos.

A julgar pelas latas de cerveja vazias, pelo sofá-cama florido misterioso que tínhamos certeza ser infestado de chatos e pelo cheiro forte de mijo no beco, era óbvio que os outros moradores de Ealing também não se importavam com o código de conduta sem limites da Selva de Gafanhotos.

E isso se revelou uma questão desastrosa para mim e Robby naquela sexta-feira.

Tínhamos montado rampas com tábuas empenadas de compensado, que apoiamos em uma escada de concreto nos fundos de uma loja vazia onde antes funcionava um consultório médico especializado em pés.

— Que péssimo plano de negócios — comentou Robby.

— O quê?

— Consertar pés em uma cidade de onde todo mundo está louco para fugir.

Robby era tão inteligente que me doía pensar em como ele era melancólico às vezes.

— A gente deveria abrir um negócio — falei.

— Quer fumar um careta?

Robby gostava de chamar cigarros de *caretas*.

— Quero.

Não havia a menor chance de sentarmos naquele sofá florido. Viramos engradados de leite azuis e sentamos com os antebraços apoiados nos joelhos e os pés nos skates, deslizando-os para a frente e para trás como se flutuássemos sobre ondas mansas e invisíveis.

Robby fumava melhor do que eu. Conseguia tragar nuvens densas de fumaça e soprar fantasmas em tamanho real de nós dois quando se reclinava, relaxado, e exalava.

Eu gostava de cigarros, mas nunca fumaria se Robby não o fizesse.

— Que tipo de negócio? — perguntou Robby.

— Não sei. Eu podia escrever alguma coisa. Talvez histórias em quadrinhos.

— E você podia me desenhar. — Robby deu um longo trago no cigarro. —

Eu seria seu garoto-propaganda ou algo assim.

Eu preciso explicar.

Também tenho uma obsessão por histórias.

Em um canto do meu armário há uma pilha que vai do chão até a altura de minha coxa só de cadernos e fichários com o registro de todas as merdas que eu

já fiz. Minha esperança era que, um dia, minha história idiota serviria de fonte para inúmeros relatos ficcionais sobre, bem, merdas.

E eu desenhava, também. Naqueles cadernos havia milhares de desenhos de mim, Shann e Robby.

Considero minha obrigação contar a verdade.

— O que exatamente faz um *garoto-propaganda*?

— Fala. E tem que ser bonito também. É um trabalho difícil, por isso espero ganhar uma grana decente.

— Multitarefa.

— *Pra cacete*, Porco-Espinho.

Robby me chamava de Porco-Espinho por causa do meu cabelo. Eu não me importava. Todas as outras pessoas me chamavam de Austin.

Austin Szerba.

É um sobrenome polonês.

Às vezes, quando paro para pensar, fico maravilhado com as conexões que se enredam através do tempo e do espaço: como um touro moribundo na Rússia tsarista pode ter sido responsável pelo fim do mundo em Ealing, no Iowa.

Essa é a verdade.

Quando era jovem, Andrzej Szczerba, meu tataravô, foi exilado de sua casa em uma pequena aldeia rural chamada Kowale. Andrzej Szczerba se envolveu em um movimento radical de resistência à imposição da língua e da cultura russas sobre os poloneses. Como muitos jovens poloneses, Andrzej esperava que um dia seu país, tratado como uma salsicha disputada entre dois cachorros de impérios vizinhos egoístas, fosse capaz de se erguer sobre as próprias pernas.

A ideia era boa, mas não se realizaria enquanto Andrzej estivesse vivo.

Então meu tataravô foi obrigado a deixar Kowale e viajar para a Sibéria.

Ele não chegou muito longe.

O trem que levava o exilado Andrzej descarrilou ao bater em um touro moribundo caído sobre os trilhos. Foi um acidente terrível. Andrzej foi abandonado, supostamente morto, no meio de um campo coberto de neve.

Andrzej Szczerba usava um medalhão de prata com a imagem de São Casimiro, santo padroeiro da Polônia. Ele acreditava que São Casimiro tinha salvado sua vida naquele acidente de trem. Por isso, todos os dias, até o fim de

sua vida, Andrzej beijava o medalhão e fazia uma oração em agradecimento ao santo.

Foi sorte minha Andrzej Szczerba não ter morrido naquele campo nevado. Ferido, ele caminhou por dois dias até chegar à cidade de Hrodna, onde se escondeu dos russos e acabou se casando com uma moça polonesa chamada Aniela Masulka, minha tataravó.

O sêmen polonês saudável de Andrzej produziu quatro filhos católicos com Aniela, dois meninos e duas meninas.

Só um deles, o caçula, Krzys, foi parar perto de Ealing, Iowa.

Essa é minha história.

## **LOUIS FAZ UMA PERGUNTA RETÓRICA**

**NÓS NOS ENCOSTAMOS NO** muro de concreto e ficamos fumando sob a sombra de uma caçamba de lixo verde com rodinhas. Mais ou menos na mesma hora em que convenci Robby a pegar o carro para nos levar até a nova casa velha de Shann Collins, olhei para cima e percebi que a população da Selva de Gafanhotos tinha crescido de maneira incômoda.

Quatro garotos da Herbert Hoover High School, a escola pública, estavam nos observando encostados no corrimão de aço zincado da escada que usávamos como rampa.

— Boiolas Candy Cane se preparando para dar uns amassos no Beco do Mijo.

Essa história de *Candy Cane*... Era assim que os garotos da Hoover gostavam de chamar os alunos da Escola Luterana Curtis Crane. Não só porque rimava. Também porque nós tínhamos que usar gravata. Quem inventou o uniforme podia ter pensado melhor e evitado a estampa de listras vermelhas e brancas. Porque, quando estávamos de gravata, camisa branca e o suéter azul com pequenas cruces bordadas em corações vermelho-sangue, era impossível não nos ver como, bem, *candy canes*, aqueles doces patriotas e cristãos em forma de bengala!

Mas Robby e eu não éramos tão otários a ponto de andar de skate usando o uniforme.

Bem, na verdade estávamos mais fumando do que andando de skate.

Robby estava com uma camiseta com a estampa do apesentado Hormel e uma calça jeans larga e cheia de buracos, tão frouxa que dava para ver metade de sua cueca com desenhos de limões e laranjas.

Não há frutas cítricas em Iowa.

Eu estava usando uma bermuda de basquete verde e amarela e uma camiseta preta dos Orwells. Então não *parecíamos* garotos da Curtis Crane.

Os Orwells são uma banda punk de Illinois.

A outra parte, a dos *boiolas*, bem, vamos dizer apenas que Robby era zoado.

Bastante.

Eu só conhecia um dos garotos: Grant Wallace. É difícil não conhecer praticamente todo mundo em uma cidadezinha do tamanho de Ealing, mesmo que você não costume prestar muita atenção nas pessoas.

Mas de uma coisa eu sabia. Grant e seus amigos estavam ali com um único propósito: arrumar confusão.

Aquilo também prometia ser algo histórico.

E dois *boiolas* de sessenta quilos no segundo ano do ensino médio da Curtis Crane fumando e andando de skate não tinham muitas chances de impedir o que quatro alunos do último ano da Hoover criados à base de milho pretendiam fazer.

Robby continuou encostado no muro, fumando tranquilamente seu cigarro.

Ele me lembrou um cara daqueles filmes antigos em preto e branco sobre pelotões de fuzilamento, vendas nos olhos, a Legião Estrangeira e porcarias assim.

Um dos amigos de Grant, um cara gorducho com a cara cheia de espinhas e apenas uma sobrancelha, pegou o celular do bolso e começou a nos filmar.

Consultem a história: nada de bom acontece quando celulares são usados para gravar vídeos.

E acho que aquilo foi como uma ordem do diretor Grant para começar.

— Emprestem seus skates para mim e Tyler por uns minutos. A gente já devolve.

Tyler devia ser o garoto com cara de mula à direita de Grant, porque ele assentiu, todo animado, como um estímulo para que nós, os *boiolas Candy Cane*, fôssemos cooperativos.

Mas Robby negou antes mesmo que Grant terminasse de falar.

A verdade é que — e a história também vai confirmar isso —, quando garotos como Grant pedem a garotos como Robby e eu alguma coisa emprestada, como skates, duas coisas podem acontecer: ou esses skates serão roubados, ou garotos como Robby e eu vão apanhar e *depois* os skates serão roubados.

Para garotos como Robby e eu apanharem antes, basta um deles dizer não. A aula de história acabou por hoje.

Levamos uma surra de Grant Wallace, Tyler e um outro garoto que fedia como se tivesse vomitado na própria camiseta, enquanto o quarto filmava com o celular.

Ah, e uma lição extra de história: nunca use bermudas largas com forro e cuecas samba-canção se for levar uma joelhada no saco. Saber isso pode ser útil no futuro.

Acho que nenhum de nós dois conseguiu ficar de pé quando os chutes e socos começaram. O nariz de Robby sangrou.

Grant pegou nossos skates e os jogou no telhado da Casa da Panqueca.

Então os quatro garotos da Hoover tiraram nossos tênis e os jogaram no telhado também.

E se os skates não tivessem feito um barulho tão grande quando caíram, Grant e seus amigos também teriam pegado as nossas calças e jogado para o céu dos tênis e skates. Mas o chinês chamado Louis que trabalhava na cozinha da Casa da Panqueca meteu a cara para fora da porta dos fundos e perguntou, com educação, o que a gente pensava que estava fazendo.

Eu não sei o que eu pensava que estava fazendo.

Mas só a pergunta, feita por um chinês que preparava panquecas chamado Louis, foi suficiente para Grant e os amigos darem a diversão por encerrada.

Eu fiquei encolhido de lado, com as mãos protegendo o saco, e a manga da minha camiseta dos Orwells grudada em uma mancha pegajosa de mijo no asfalto da Selva de Gafanhotos.

Grant e os garotos da Hoover foram embora, e Louis, aparentemente satisfeito com a falta de resposta para sua pergunta retórica sobre o que a gente achava que estava fazendo, fechou a porta.

Por um instante, me peguei pensando por que caras como Grant Wallace, que chamavam gente como Robby e eu de *boiolas*, sempre pareciam ter prazer em tirar as calças de garotos mais novos.

Achei que isso seria uma boa pergunta para os livros.